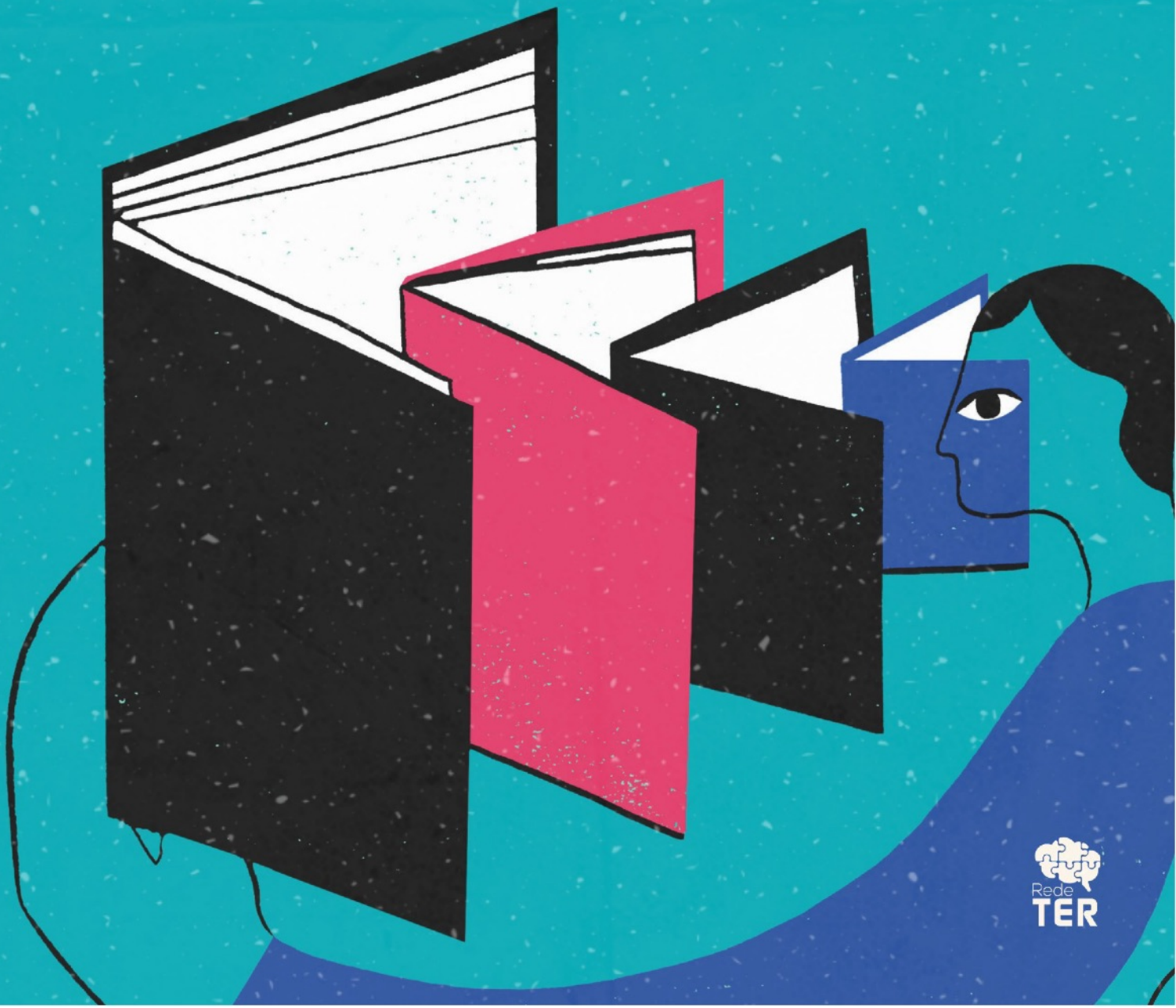


Maria Edneide F. de Carvalho
Crígina Cibelle Pereira
Rosa Leite da Costa
Sabrina de Paiva Bento Queiroz
(ORGANIZADORAS)

Literatura e **crítica** em perspectiva



Maria Edneide F. de Carvalho
Crígina Cibelle Pereira
Rosa Leite da Costa
Sabrina de Paiva Bento Queiroz
(ORGANIZADORAS)

Literatura e crítica em perspectiva



CONSELHO EDITORIAL – REDE-TER

Afonso Welliton de S. Nascimento – (UFPA) – Brasil
Alexandre Augusto Cals e Souza – (UFPA) – Brasil
Antônio Gaspar Domingos – Instituto Politécnico de Cuanza Sul – Angola
Emanuel Alexandrino Silva Semedo – Universidade de Santiago – Cabo Verde
Francisco do O’ de Lima Júnior – (URCA) – Brasil
Gilton Sampaio de Souza – (UERN) – Brasil
José Cezinaldo Rocha Bessa – (UERN) – Brasil
Josué Alencar Bezerra – (UERN) – Brasil
Larissa da Silva F. Alves – (UERN) – Brasil
Luís Filipe Martins Rodrigues – Universidade de Santiago – Cabo Verde
Luís Tomás Domingos – (UNILAB) – Brasil
Marcelo Pustilnik Almeida Vieira – (UFSM) – Brasil
Maria do Socorro Maia F. Barbosa – (UERN) – Brasil
Maria Losângela M. de Sousa – (UERN) – Brasil
Maria Lúcia Pessoa Sampaio – (UERN) – Brasil
Rosângela A. dos S. Bernardino – (UERN) – Brasil
Sandra Meza Fernández - Universidade do Chile – Chile
Sara Taciana Firmino Bezerra – (UERN) – Brasil
Simone Cabral M. dos Santos – (UERN) – Brasil
Valdir Heitor Barzotto – (USP) – Brasil

COMITÊ CIENTÍFICO DO II SINALLN

Profa. Dra. Ana Paula Lima Carneiro
Profa. Dra. Concisia Lopes dos Santos
Prof. Dr. Francisco Paulo da Silva
Prof. Dr. José Carlos Redson
Prof. Dr. Jose Cezinaldo Rocha Bessa
Prof. Dr. Jailson José dos Santos
Prof. Dr. José Rodrigues de Mesquita Neto
Profa. Dra. Crígina Cibelle Pereira
Profa. Dra. Edilene Rodrigues Barbosa
Profa. Dra. Lilian de Oliveira Rodrigues
Profa. Dra. Maria Aparecida da Costa
Profa. Dra. Maria da Luz Duarte Leite Silva
Profa. Dra. Maria Leidiana Alves
Profa. Dra. Maria Lucia Pessoa Sampaio
Prof. Dr. Manoel Freire Rodrigues
Prof. Dr. Netanias Mateus de Castro
Prof. Dr. Sérgio Wellington Freire Chaves
Profa. Dra. Rosa Leite da Costa
Profa. Dra. Rosângela Alves dos Santos Bernardino
Prof. Dr. Wellington Vieira Mendes

EQUIPE DE REVISÃO

Ana Paula Santos de Souza

Rosa Leite da Costa

Sabrina de Paiva Bento Queiroz

José Carlos Redson

EQUIPE DE EDITORAÇÃO

Laura Tereza de Sousa Costa

Kauê Fernandes Lopes

Maria Edneide Ferreira de Carvalho

Maria Eloisa Rodrigues Bessa

Maria Cristina da Silva

CAPA E DIAGRAMAÇÃO

José Rubens Pereira

Os textos assinados, no que diz respeito tanto à linguagem quanto ao conteúdo, não refletem necessariamente a opinião dos organizadores da obra e da REDE-TER. As opiniões são de responsabilidade exclusiva dos respectivos autores.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L776

Literatura e crítica em perspectiva. [recurso eletrônico] / Organizadores: Maria Edneide F. de Carvalho, Crígina Cibelle Pereira, Rosa Leite da Costa, Sabrina de Paiva Bento Queiroz. Pau dos Ferros: REDE-TER, 2025.

636 p.

Vários autores.

ISBN: 978-65-87381-44-2.

1. Educação. 2. Textos literários. 3. Literatura. 4. Literatura crítica. I. Carvalho, Maria Edneide F. de. II. Pereira, Crígina Cibelle. III. Costa, Rosa Leite da. IV. Queiroz, Sabrina de Paiva Bento. V. Título.

CDU 370

“Uns lutam com o cimento armado. Com
as leis. Outros, com os bisturis. Com as
máquinas – tantas e tão variadas lutas. Eu
luto com a palavra. É bom? É ruim? Não
interessa, é a minha vocação”.
(Lygia Fagundes Telles,
“As meninas”, 2009)

42	LITERATURA E CINEMA: DIÁLOGOS ENTRE O ROMANCE <i>VIDAS SECAS</i>, DE GRACILIANO RAMOS, E SUA ADAPTAÇÃO EM FILME 423
	<i>Andresa Vieira da Costa</i> <i>Pedro Ryann Gomes Pereira</i> <i>Natan Severo de Sousa</i>
43	LITERATURA E DECOLONIALIDADE: UMA ANÁLISE DA OBRA <i>TORTO ARADO</i> 431
	<i>Janete Fernandes dos Santos</i> <i>Auríbio Farias Conceição</i>
44	MÃE LUIZA E A FRATURA DA PERIFERIA 440
	<i>Marília Soares Carreiro Maia</i> <i>José Helber Tavares de Araújo</i>
45	MEMÓRIA E TRADIÇÃO EM “<i>NAS ÁGUAS DO TEMPO</i>”, DE MIA COUTO 446
	<i>Alyne Isabele Duarte da Silva</i> <i>Andreza da Silva Ferreira</i>
46	MEMÓRIA, AFRO-DIÁSPORA E RESISTÊNCIA: UMA LEITURA CONTRA COLONIAL DOS RELATOS DA ESCRAVIDÃO EM <i>ÁGUA DE BARRELA</i> DE ELIANA ALVES CRUZ 454
	<i>Maria Cristina da Silva</i> <i>Estela Kiara de Oliveira</i> <i>Vanessa Bastos Lima</i>
47	NEGRITUDE: SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO EM “MÃE PRETA” DE BRUNO DE MENEZES 461
	<i>Poliana Magalhaes Pereira</i> <i>Maria da Luz Duarte Leite Silva</i> <i>Maria Lidiania Costa</i>
48	O ACESSO À LITERATURA COMO AGENTE DEMOCRATIZADOR REPRESENTADO EM <i>QUARTO DE DESPEJO</i>, DE CAROLINA MARIA DE JESUS 470
	<i>Amanda Karen Sales Silva</i> <i>Maria Eduarda de Brito Tavares</i> <i>Manoel Freire Rodrigues</i>
49	O BODE EXPIATÓRIO NA CONSTRUÇÃO MULTIMODAL DO CONTO “<i>A LOTERIA</i>” DE SHIRLEY JACKSON: O SACRIFÍCIO DA MULHER NA ADAPTAÇÃO PARA A <i>GRAPHIC NOVEL</i> DE MILES HYMAN 477
	<i>José Roberto Alves Barbosa</i> <i>Lucas Sales Barbosa</i>

NEGRITUDE: SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO EM “MÃE PRETA” DE BRUNO DE MENEZES

Poliana Magalhaes Pereira
Maria da Luz Duarte Leite Silva
Maria Lidiania Costa

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Quando se discute o tema da negritude, no panorama da literatura amazônica, é significativo falarmos de Bento Bruno de Menezes, principalmente, em seu livro *Batuque Revista de Letras da Universidade do Estado do Pará - UEPA* Jan-Mar 2018 ISSN Eletrônico: 2318-9746 25 (1931), uma vez que essa obra se tornou uma especificidade não apenas da literatura amazônica, mas, também, a toda cultura afro-brasileira, pois se ver presente ambas as vozes nessa obra.

Assim, a relevância de se discutir a literatura afro-brasileira está em se reconhecer o processo de contribuição que o povo africano tem para com a sociedade brasileira, principalmente com a região da Amazonia paraense. É com esse olhar para com o povo afro que se acredita que somente a partir de sua afirmação é que se pode desmistificar alguns preconceitos e se revestir em novas ideias a respeito desse tema.

É aproveitando o poder crítico que as narrativas literárias podem possibilitar ao sujeito, que a proposta a resistência contra o racismo e a luta pela valorização da etnia negra, a qual deve começar pela valorização da identidade afro-brasileira, como se pode observar nas palavras de Oliveira (2001). “no processo de luta contra o racismo é da maior importância construirmos uma identidade afro-brasileira. Não para desbancar a ideia de brasilidade, mas para que, a partir dessa construção, os negros possam exercer sua cidadania e lutar contra o racismo” (Oliveira, 2001, p. 09).

Precisa-se com urgência redirecionar os valores atribuídos, durante a história brasileira, à identidade negra, pois na sua grande maioria são principalmente vistos como ideia de “menor” valor, provocando discriminação, o que impede trazer para este grupo a legitimação de uma literatura que tenha o mesmo valor que a literatura em que as figuras dramáticas que ocupar patamares de profissão elevado que são ocupados pelo povo de pele branca, logo, é significativo explorar novas possibilidades de suas práticas culturais, como afirma Oliveira (2001), pois “a construção de uma identidade afro-brasileira que valorize o negro é também dificultada porque se deteriorou o sentido de cultura negra” (Oliveira, 2001, p. 09). Assim, se considera a obra o *Batuque* de Bruno de Menezes como

exemplar para o enaltecimento do afro-brasileiro, é essa buscar de exteriorizar narrativas produzidas pelas mãos dos afrodescendentes que se quer apresentar.

Portanto, é o negro que Bruno (re)constrói se encontra com seu passado ancestral e vive o presente na Amazônia, por isso se verifica a literatura afro-brasileira de expressão amazônica nos versos de Batuque. É o que o próprio autor fala: “meio-índio africano” (Menezes, 2005, p. 30).

Observa-se em Batuque, a presença de temáticas que giram em torno do negro e de sua africanidade, como as poesias “Alma e ritmo da raça”, “Pai João”, “Mãe preta”, “Marujada”, “Toiá verequete”, etc. O seja, se vê no próprio título dos poemas que o eu-enunciador retrata sobre as religiões, as personalidades e as tradições geradas da cultura negra-amazônica. Mas, vale destacar que o foco aqui é para o poema “Mãe Preta”.

2 UM POUCO DE ANÁLISE

A literatura produzida por Bruno de Menezes é processo e produto de sua vivência nos mais diversos círculos, cujo contato direto com a cultura popular é a fonte de conhecimento necessária para a tessitura de seus discursos e a consolidação de sua obra enquanto um dos intérpretes da Amazônia, conjugando seu posicionamento ético e sua arquitetônica estética na construção identitária da Literatura Amazônica produzida no Pará.

Bernd (1988, p. 78) apresenta que: “Os poemas revelam a preocupação dos poetas em ancorar a questão da construção de sua identidade no sentimento de pertencer a um grupo o qual desejam valorizar, através da palavra poética”. Há, também, em “Mãe Preta”, a assimilação com a identidade do querer-ser-negro, vejamos: “No acalanto africano de tuas cantigas, nos suspiros gementes das guitarras, Veio o doce langor De nossa voz, A quentura carinhosa de nosso sangue”. (Bernd, 1988, p. 31). Nesse trecho, se pode notar que Menezes ressalta que “Somos nós, filhos e herdeiros da Mãe Preta, seja branco ou negro, que fomos amamentados pela seiva dela, a preta, ou seja, o eu-lírico sente-se sucessor da doce carne africana.

Se percebe em outras passagens, a presença de menção de personalidades que pintam a negritude como mencionado: “Mãe Preta” e “Pai João”, “Mãe Ambrosina”, “Mestre Desidério” e, principalmente, a expressão “Pé-de-bola”. Essas expressões são reconstruções da memória, como se Menezes fosse o “porta-voz do povo privilegiado” (Salles, 2004, p. 130), o autor ainda reitera tal conceito ao dizer: as “figuras do povo que fazem a história não são esquecidas tão facilmente. História e memória nutrem o folclore de qualquer povo”.

A menção a expressão “Pé-de-bola”, como destacada por Salles (2004), representa mais uma figura/representação popular apenas literária, pois “Pé-de-bola” foi cunhado por um negro que viveu no Jurunas – não por acaso esse negro viveu no bairro onde Menezes nasceu e morou parte da vida – esse moço- negro era

visto como um sujeito valentão, além de ter a fama de “jogar capoeira”, principalmente, aos dias de domingo, por diversão, esse fato marca, portanto, a memória do negro originário do Pará.

Esse talvez o único momento [...] em que a capoeiragem assumiu no Pará o papel de jogo de destreza, ou simples vadição, sem aquelas motivações engendradas pelas rivalidades de bairros, como a que separava e tornava quase irreconciliáveis os habitantes do Umarizal e do Jurunas, redutos de famosos capoeiras: [...] Pé-de-bola e seu companheiro Norato, que foi agente de Polícia, tudo isso era povo do Jurunas (Salles, 2004, p. 130).

A prática de Pé-de-bola como capoeirista, “sem dúvida remete a herança cultural negra” (Salles, 2004, p. 132), o que se pode dizer que Bruno de Menezes apresenta com maestria em seus versos. Menezes alude, também, danças como batuques, carimbó, lundus, festas juninas e maxixes, que são intrínsecas à sua terra natal, além de figuras do povo, situando por meio da voz da enunciação, as quais são pertencentes à tradição e à origem afro-brasileira de expressão amazônica, pois, mesmo estendendo suas palavras às temáticas da negritude, o autor não deixa de evocar vozes da região onde viveu. A cultura negra é exaltada, é vista como algo que enaltece outras culturas.

Dentre as figuras remotas, destaca-se a mãe que, “invocada pelo eu-lírico, identifica-se, ao mesmo tempo, com a mãe singular (...) e a própria África” (Verani, 2006, p. 7). “Ai/ mãe negra chorando/ aí doce terra gemendo (...)/ há só flores de sangue/ girassóis de dor (...) meus filhos todos partiram (Neto, 1985, p. 9-10) Nesses versos do poema “Adeus à hora da largada”, de Agostinho Neto, a “mãe singular” desdobra-se para personificar, como afirma Verani, a própria África a lamentar a partida dos filhos para a escravidão. Esse tom doloroso já se via em “Mãe Preta”, de Bruno de Menezes: “És Mãe Preta uma velha reminiscência/ das cubatas, das senzalas, / com ventres fecundos padreando escravos.” (Menezes, 1993, v. 1, p. 225).

Vê-se na escrita de Bruno de Menezes elementos temáticos observados nas pesquisas anteriores como: a mãe preta, a mulata erotizada e o pai João. No poema intitulado de “Mãe Preta” (Menezes, 1993, p. 225).

No acalanto africano de tuas cantigas,
Nos suspiros gementes das guitarras,
Veio o dance langor
De nossa voz,
A quentura carinhosa de nosso sangue
[...]
Dos teus seios, Mãe Preta teria brotado o luar?
Foste tu que na Bahia alimentaste o gênero poético
De Castro Alves? No Maranhão a glória de Gonçalves Dias?
Terias ungido a dor de Cruz e Souza
Foste e ainda és tudo no Brasil, Mãe Preta

Nos versos de “Mãe Preta”, vê-se é um discurso lírico-romântico inspirado num africanismo sentimental. O eu-lírico tem uma visão romântica da Mãe Preta, pois assim como os demais escravos a Mãe Preta sofreu muitas injustiças, enquanto amamentava os filhos de seus senhores via os seus serem vendidos como meras mercadorias. O verso “Foste e ainda és tudo no Brasil, Mãe Preta!” não condiz com a realidade vivida por essas mulheres, certo que tinham algumas vantagens com relação aos outros escravos, trabalhavam na casa grande eram consideradas escravos de estimação, porém não passavam de objetos dos seus donos.

Vê-se que nos versos da primeira estrofe a presença da herança como “as cantigas, acalanto, nossa voz, nosso sangue. “No acalanto africano de tuas antigas, nos suspiros gementes das guitarras, veio o doce langor de nossa voz, a quentura carinhosa de nosso sangue”. Há muita informação nessa estrofe sobre o canto redamos a cultura do Africano, desde as cantigas de acalanto, até o sangue, ou seja, a vida.

No segundo verso destaca-se o poder de procriar da negra, mostrando um certo valor, pois muitas mulheres, diferentemente das negras africanas seus ventres eram fecundos. “E’s Mãe Preta uma velha reminiscência das cubatas, das senzalas, com ventres fecundos padreando escravos”. Observamos no verso seguinte a valorização da Mãe Preta. “Mãe do Brasil? Mãe dos nossos brancos? A mãe Preta não é apenas mãe dos filhos pretos, mas, mãe do povo brasileiro. Há aqui mistura de sangue. E que o filho do branco, por ter mamado nas mamas de leite, como eram chamadas traz o sangue, a vida das mães pretas africanas.

A mãe Preta a made cuidadora, procriadora, que acalente, que amamentou. “Tu, que nas Gerais desforrastes o servilismo. Tatuando-te com pedras preciosas que destas festas de esmagar! Tú que criastes os filhos dos senhores, embalastes os que eram da Marquesa de Santos, os bastados do primeiro imperador e até os filhos dos Inconfidentes!” E ‘dado a mãe preta valor, visto que até dos filhos dos Inconfidente ela cuidava. Parece ser inato o servilismo da mãe preta. “Quem mais teu leite amamentou, Mãe Peta?” Aqui se observa uma pergunta que se fez a essa mãe. É como se difícil fosse saber quem ela não amentou, pois essa mãe amentou muita gente.

Cita-se um verso exemplar no enaltecimento da mãe preta: “Foste e ainda és tudo no Brasil, Mãe Preta!” e ainda continua: “Gostosa, cantando a história do Saci, ninando murucú’-tú-tú para os teus bisnetos de hoje”. Ou seja, a cultura da negra africana, vem de muito tempo, até seus bisnetos herdaram sua cultura, o seu valor na formação dos costumes de um povo. A cultura da oralidade também é vista aqui pelas mães pretas, que embalavam seus filhos, mas também, os filhos de seus Senhores, ninavam as crianças para dormirem.

A cultura da Mãe Preta é muito forte entre o homem branco, até o Sinhô e Sinhá- Moça mamou na Mãe Pateta.” Quando Sinhô e Sin’há- Moça Chupou teu sangue, Mãe preta.” Os seus Senhores e Sinhás tem sangue- vida da Mãe Preta

Africana. Destaca-se também, a religiosidade, as festividades religiosas, as comidas que se deve a Mãe Preta. “Agora, como ontem, és a festeira do Divino, a Maria Tereza dos quitutes com pimenta e com dendê. És, finalmente, a procriadora côr da noite. Que desde o nascimento do Brasil te fizeste “Mãe Preta...”

Acredita-se na importância de analisar a literatura afro-brasileira está em se reconhecer o processo de contribuição africana em nossa sociedade, principalmente, pois espera-se que somente a partir de sua afirmação é que se pode desmistificar alguns preconceitos formados que acaba por denegrir a imagem do negro africano, aqui especificamente da Mãe Preta, trazendo à tona o seu verdadeiro valor. Só dessa forma, estar-se contribuindo, pra uma postura contra o racismo e a luta pela valorização da etnia negra, a qual se deve iniciar pela voz do sujeito de identidade afro-brasileira, como se pode verificar nas palavras de Oliveira (2001). “no processo de luta contra o racismo é da maior importância construirmos uma identidade afro-brasileira. Não para desbancar a ideia de brasilidade, mas para que, a partir dessa construção, os negros possam exercer sua cidadania e lutar contra o racismo” (Oliveira, 2001, p. 09).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do discutido, afirma-se a ideia anteriormente colocada ao dizer que Bruno de Menezes, em seu livro de maior destaque, *Batuque* (1931), contribui para se refletir sobre a identidade do sujeito – negro, afirmando a literatura afro-brasileira. Menezes, de família negra e humilde, nascido em terras paraenses, escreveu versos singulares que sintetizam a imagem do negro do Pará em seus variados desdobramentos, como: o capoeirista, a “mãe-desanto”, a “negã malina”, as comidas, festividades, musicalidade e espaços típicos do homem, fruto dos negros africanos, que tem a terra paraense como lugar de vivência.

Assim, vê-se na obra de Menezes um certo colhimento, a esse povo excluído, o autor traz a ideia da literatura afro-brasileira como uma forma de resistir (Bernd, 1988), toda criação do negro como sendo o “inferior” e “menor”, na verdade, observa-se na sua obra uma tomada de consciência de querer-ser-negro e de gritar aspectos que lhe deem orgulho da raça. O negro na obra de Menezes é um sujeito de cultura, um ser como qualquer outro.

Assim, observa-se nos poemas de *Batuque* o uso de expressões que carregam a africanidade, são vocabulários que trazem toda ancestralidade negra à baila, tais como: “nêga”, “Batuque”, “Congo”, “crioulos”, “mulatos”, “jongos”, “africano”, “Luanda”, “Angola”, “Moçambique”, “zumbi”, “xodó”, etc. Há, também, aqueles que nos remetem ao sincretismo e às religiões afro-brasileiras: “pai de santo”, “macumbeiro”, “terreiro”, “filho de santo”, “mãe do terreiro”, “Santa Bárbara”, “São Longuinho”, “São Cosme”, “São Damião”, “Exu” e “Orixá”. Tais palavras afirmam a

negritude encontrada nas poesias de Menezes. Há na verdade, um certo enaltecimento do negro nas narrativas de Bruno de Menezes.

Vê-se na obra de Menezes uma literatura que explora todos os signos característicos das concepções negras, privilegiando seu ponto de vista, ou seja, o negro na obra do referido escritor, possibilita um reconstruir e reencontrar da imagem do negro, sua composição possibilitar o leitor repensar os discursos sobre negritude que são vinculados a partir de ideias negativas e pejorativas ligadas aos negros africanos. Destaca-se aqui o conto Mãe Preta que faz parte da obra Batuque.

Batuque é uma coleção de imagens vivamente coloridas, estuantes de labor popular, porém impregnadas de uma atmosfera sagrada e mística, não encontrada, habitualmente, na poesia negra latino-americana (...) Apesar dos temas e cenários profanos, sofre a influência de uma inspiração religiosa, revelando o negro brasileiro em sua integridade cósmica, trabalhado pela ação ancestral que lhe modela a dança e o canto. (Preséance africaine, abril/maio de 1960, *Apud* Menezes, 1993, s/n, p. 287).

Batuque é obra exemplar em popularidade entre os leitores paraenses, se considerar os livros que foram publicados nos limites da própria região, que são muitas vezes, desvinculados de grandes editoras nacionais. Batuque, da autoria de Bruno de Menezes (1893/1963), embora seja um livro de poesia, leva a pensar uma narrativa iorubá, pois o drama do negro oprimido é denunciado por meio de uma “narratividade poética”, o que também ocorre nos poemas de José Craveirinha, como demonstraremos mais adiante.

A identidade negra a qual se discute é a que Homi Bhabha (1998) define como fruto da “identidade coletiva”. Nela, o crítico apresenta uma leitura da identidade racial que permite privilegiar o olhar do colonizado, para poder questionar a visão do colonizador. Para Bhabha, a “diversidade cultural” deve ser combatida, pois a “diferença cultural” assinala melhor o lugar das diversas identidades, pois atinge “uma retórica radical da separação de culturas totalizadas que existem intocadas pela intertextualidade de seus locais históricos, protegidas na utopia de uma memória mítica de uma identidade coletiva única” (Bhabha, 1998, p. 63).

Dessa forma, a construção da identidade negra brasileira formou-se a partir de um percurso negativo de um entrelaçamento histórico, pois está vinculada a ideia de negro construída pelo ocidente europeu aos povos Africanos. “Entre os séculos XVI e XIX, os “negros” não se viam na África em absolutos como “negros”. “Negro” foi de algum modo uma construção “branca” (Barros, 2009, p. 39).

Na escrita de Bruno de Menezes se encontra uma literatura que retrata os negros, só que de uma forma positiva. Há em seus poemas elementos temáticos repetidos como, a mãe preta, o pai João, Mulata erotizada, observados em pesquisas anteriores, com traços estereotipados. O eu – lírico possui uma visão romântica da mãe preta e do pai João e aborda a beleza sedutora da mulata, associada a uma

sensualidade irresistível, esta erotização coloca a mulata na condição de objeto de desejo sexual. Mas, apesar de repetir elementos temáticos erotizados, que representam a imagem do negro de forma negativa, também utiliza um discurso poético que denuncia a situação do negro, como é o caso do poema “Bruxinha Baiana”.

Por fim, nos versos do poema “Mae Preta”, Bruno de Menezes, entre aliteraões e sinestesias, traz à cena o ritual do batuque, assinalado pelo sensualismo e pela denúncia. O negro(a) é retratado(a) por Menezes não está distante de suas reminiscências africanas, nem mesmo isolado de seu espaço geográfico, se percebe que, tanto as tradições africanas, quanto amazônicas estão presentes nas obras de Menezes. Assim sendo, o negro que Bruno (re)constrói se encontra com seu passado ancestral e vive o presente na Amazônia, por isso verifica a literatura afro-brasileira de expressão amazônica nos versos de Batuque. É o que o próprio autor fala: “meio-índio africano” (Menezes, 2005, p. 30).

REFERÊNCIAS

BARROS, J. D. **A construção social da cor:** diferença e desigualdade na formação da sociedade brasileira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BASTIDE, R. **A poesia afro-brasileira.** São Paulo: Martins Fontes: 1943.

BASTIDE, R. **O candomblé da Bahia.** São Paulo; Companhia das Letras, 2001.

BENJAMIN, W. **Obras Escolhidas.** 6 ed. São Paulo: Brasiliense, 1993. Vol. I

BERND, Z. **O que é negritude.** São Paulo: Editora brasiliense: 1988.

BERND, Z. **Introdução à literatura negra.** São Paulo: Brasiliense, 1998.

BERND, Z (Org). **Poesia Negra Brasileira:** antologia. Porto Alegre: AGE, 1992.

BEZERRA, R. A. Consciência negra e resistência na poesia afrobrasileira: Luiz Gama e Solano Trindade. *In: Anais...III Seminário de estudos de História afrobrasileiras e indígenas.* Editora Realize: Campina Grande, 2010.

BHABHA, H. K. **O local da cultura:** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

BOPP, R. **Urucungo, Poemas Negros.** Rio de Janeiro: Ariel, 1932.

BOURDIEU, P. Títulos e ascendência de nobreza cultural. *In: BOURDIEU, P. A distinção: crítica social do julgamento.* São Paulo: Edusp/Porto Alegre: Zouk, 2007.

BLOOM, H. Elegia para o cânone. In: BLOOM, H. **O cânone ocidental**. São Paulo: Objetiva, 1995.

BORDINI, M. G. da. **Estudos culturais e estudos literários**. Disponível em: <revistaseletronicas.Pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/610/441>
Acessado em:
05/01/2011

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. 9 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CARTILHA DO CEDENPA. **Raça Negra**: a luta pela liberdade. Belém: Cedenpa, 1986.

CORRÊA, A. T. O. **História, cultura e música em Belém**: décadas de 1920 e 1940. 2010. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

CRUZ E SOUZA. **Poesias completas**. 2 ed. São Paulo: Ediouro, 2002.

FARES, J. A. Negritude e modernidade na poética de Bruno de Menezes. **Revista Asas da Palavra**. Belém: Unama, v. 5, 1996.

GUARNIERI, G. F; BOAL, A. **Arena conta Zumbi**. Musical em 2 atos. Disponível <http://pyndorama.com/wp-content/uploads/2009/01/arena-conta-zumbi.pdf>
LIMA, Jorge.

GRECO, G. L. História e Literatura: entre narrativas literárias e históricas, uma análise através do conceito de representação. In: **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, [S. l.], v. 6, n. 11, p. 39-53, jul. 2014.

IANNI, O. O Estudo da Situação Racial Brasileira. **Revista Brasiliense**, nº 19, SP, 1958.

CARPEAUX, O. M. (Org). **Poemas Negros**. Rio de Janeiro: Getúlio Costa, 1949.

PEREIRA, C. S; SILVA, K. S.; AMIN, V. S. F.; NUNES, P. J. M. Belém e a Academiado Peixe Frito: fisionomias em Bruno de Menezes e Dalcídio Jurandir. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: Ciências Humanas**, Belém, v. 14, n. 3, p. 1.025-1.043, set./dez. 2019.

PEREIRA, E. S. Academia do Peixe Frito: presença da intelectualidade no cotidiano popular. **Asas da Palavra**, Belém, v. 15, n. 1, p. 41-48, jul. 2018.

MENEZES. B. de. **Batuque. Belém**: Secretária de Estado e Cultura: 2005.

MEIRA, I; CASTRO, C. J. A. **Introdução à literatura no Pará**: antologia. Belém: Cejup: 1990.

MORAES, M. J. P. C. de; ALIVERTI, M. J; SILVA, R. M. M. da. **Tocando a Rabeca**. Belém: IAP, 2006.

NUNES, B. Bruno de Menezes inventor e mestre. In: **Asas da palavra** – revista da graduação em Letras. Belém: UNAMA. v. 10 nº 21, 2006, p. 378-390.

OLIVEIRA, N. S. de. **Guia de direitos do brasileiro afro-brasileiro**. Vultos negros na história do Brasil. Brasília: Ministério da Justiça, Secretária de Estado dos Direitos Humanos, 2001.

REIS, M. V. L. **Entre Poéticas e Batuques**: Trajetórias de Bruno de Menezes. Dissertação Apresentada no Mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura da UNAMA. Belém: UNAMA, 2016.

SALLES, V. **O negro na formação da sociedade paraense**. Textos reunidos. Belém: Paka-Tatu: 2004.

SANTOS, J. **Identidade e erotismo em Batuque, de Bruno de Menezes**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Pará, Belém, 2007.

SARTRE, J. P. **Reflexões sobre o Racismo**. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1965.

SILVA, C. R. da; SANTIAGO, É. de Q. S; TRINDADE, J. R. T. da. *Et al.* Marujada(s) – a tradição ainda resiste. **Anais...XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – Caxias do Sul, RS – 2 a 6 de setembro de 2010

VERANI, D. “Agostinho Neto: o lugar da poesia em tempo de luta”. In: SEPÚLVEDA, Maria do Carmo & SALGADO, Maria Teresa (org.). **África e Brasil**: letras em laços 1. São Caetano do Sul: Yendis, 2006.